

AGRICULTURA BRASILEIRA: UMA OBSERVAÇÃO DO SUB-SETOR DE MERCADO INTERNO

H. CARLOS IKEHARA*

RESUMO

Análise do sub-setor agrícola de mercado interno, no período 1970/80. Os resultados mostraram que a oferta de culturas de consumo doméstico apresentou crescimento inferior à expansão da demanda de alimentos imposta pelo crescimento demográfico e aumento da renda per-capita, com uma performance abaixo daquele observado durante a década de 60, em contraste com o extraordinário desempenho das culturas de mercado externo, consequência de um modelo de desenvolvimento agrícola com nítida direção a estímulos de bens agrícolas com cotação no mercado internacional, trazendo à tona o recrudescimento dos problemas de abastecimento e migração rural-urbana.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de toda sua história, o Brasil foi apresentado no cenário internacional como um país essencialmente agrícola e fadado a transformar-se no celeiro do mundo. Com território vasto e fértil e mão-de-obra abundante não se pode afirmar que o potencial agrícola nacional seja desprezível apesar dos problemas que a agricultura brasileira tem enfrentado nos últimos anos.

Com efeito o setor agrícola tem sido o meio de vida direto de mais de 1/3 da população brasileira. É a base de toda uma sociedade e tem sido, ao longo da história, a chamada matriz financeira do desenvolvimento do setor não-agrícola⁽⁵⁾.

Na última década, a produção agrícola tem desempenhado satisfatoriamente suas tarefas na frente externa. Em que pese a ênfase sobre mercado externo, bens de origem agrícola tem sido responsável por mais de 40% das exportações brasileiras, e o volume de produtos agrícolas exportados cresceu a taxa de 17,86% ao ano, durante o período 1970/80. Todavia, nessa mesma década a agricultura não cumpriu uma das suas mais nobres tarefas, a de atender a crescente demanda de produtos de consumo doméstico que é o alicerce para a sobrevivência de toda uma comunidade urbana, além de ser uma pré-condição indispensável para a existência e desenvolvimento de um setor não-agrícola^(4, 19).

A grande ênfase dada à expansão e diversificação das culturas de exportação, provocou profundas transformações na composição agrícola. Os produtos de mercado interno sofreram impactos consideráveis quanto à produção, produtividade e área cultivada. Em vez de crescimento previsto da ordem de 5% a 7% ao ano, o necessário para atender a expansão da demanda imposta pelo crescimento populacional e aumento da renda per-capita, as principais culturas de consumo doméstico, feijão, mandioca, arroz, milho e batata-inglesa, apresentaram um performance extremamente indesejável, crescendo a taxas inferiores ao crescimento demográfico. Enquanto isso, um outro grande problema vinha à tona, ou seja, os problemas da expulsão dos trabalhadores residentes no meio rural, conhecido como fenômeno da migração rural-urbana, que se constituiu, de um lado, na explosão das periferias urbanas e, de outro, no crescimento contingente de assalariados rurais, patente hoje, pela existência de milhares de bóias-frias, como consequência de uma deliberada política agrícola com nítida direção ao estímulo, cada vez mais crescente, para produção de bens agrícolas exportáveis.

Dentro desse contexto, este estudo teve como objetivo básico levantar algumas questões pertinentes ao comportamento do sub-setor de mercado interno da agricultura brasileira, discutindo-se alguns dos aspectos da polí-

tica agrícola do último decênio. Especificamente, objetivou-se analisar o desempenho das principais culturas de consumo doméstico, paralelamente ao desempenho dos principais produtos agrícolas de mercado externo durante o período 1970/80, observando-se também, o desempenho apresentado por essas culturas durante a década de 60.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi desenvolvido dentro de uma linha tradicional de análise: introdução, metodologia, análise dos dados, discussão e considerações finais.

O estudo do comportamento do setor agrícola envolve, necessariamente, a análise dos dados históricos sobre o desempenho da oferta, área cultivada e rendimento. Assim, este trabalho foi desenvolvido utilizando-se informações, índices e taxas de crescimento, derivadas a partir dos dados brutos obtidos para os períodos 1960/70 e 1970/80, dos Anuários Estatísticos da FIBGE — Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dos relatórios do GIA-FGV — Grupo de Informações Agrícola da Fundação Getúlio Vargas e dos boletins da Análise Conjuntural do IPARDES — Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

Os produtos agrícolas foram classificados em dois grupos distintos: os de mercado interno, representado pelas

(*) Professor do Departamento de Economia da Fundação Universidade Estadual de Londrina.

culturas de feijão, arroz, mandioca, milho e batata-inglesa, e os de mercado externo, representados pela soja, laranja e cana-de-açúcar. Excluiu-se do estudo, os produtos café e trigo, por ser de difícil operacionalidade em face a susceptibilidades climáticas e pelo fato de que, pela natureza do trabalho, essa exclusão não traria implicações quanto aos resultados.

As taxas de crescimento foram determinadas a partir de dados brutos, utilizando-se o seguinte modelo:

$$Y_f = Y_i (1 + r)^t \quad (I)$$

onde Y representa produção, área cul-

tividade ou produtividade; t período de tempo em anos; r taxa de crescimento e, os índices f e i ano inicial e final, respectivamente, dos períodos em análise.

O modelo (I) foi linearizado através do uso de propriedades logarítmicas, chegando-se à seguinte expressão:

$$\log Y_f = \log Y_i + \log (1 + r) t \quad (II)$$

sendo que os parâmetros envolvidos foram estimados pelo emprego da análise de regressão, através do método dos Mínimos Quadrados Ordinários⁽¹¹⁾.

3. COMPORTAMENTO DO SETOR AGRÍCOLA

O padrão de desenvolvimento adotado no país; cuja concepção de avanço econômico baseava-se no aumento da oferta de bens manufaturados, traduziu-se no fenômeno da rápida industrialização durante o período 1967/74, chamado pelos economistas ortodoxos de "O milagre brasileiro" e afetou profundamente o setor agrícola, impondo uma drástica transformação no panorama agrícola.

O "milagre" exigiu da agricultura uma contribuição cada vez mais crescente no sentido de produzir exceden-

QUADRO 1. EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE PRODUÇÃO DE PRINCIPAIS CULTURAS NO PERÍODO 1970/80. BRASIL

Culturas	A n o s										
	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Produtos de Mercado Interno											
Arroz	100	87	104	95	86	100	129	119	96	100	129
Feijão	100	126	121	101	101	103	83	104	99	99	89
Mandioca	100	103	101	90	84	88	86	88	86	85	82
Milho	100	99	105	100	115	115	125	135	95	115	143
Batata Inglesa	100	100	100	84	106	105	120	120	127	136	110
Produtos de Mercado Externo											
Soja	100	147	214	332	522	654	744	829	632	660	1004
Laranja	100	110	122	159	201	204	231	231	253	319	351
Cana-de-Açúcar	100	101	107	115	121	115	129	150	162	173	183

Fonte: Calculado a partir dos dados brutos obtidos através da FIBGE, GIA-FGV e IPARDES.

QUADRO 2. EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE ÁREA CULTIVADA DE PRINCIPAIS CULTURAS NO PERÍODO 1970/80. BRASIL

Culturas	A n o s										
	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Produtos de Mercado Interno											
Arroz	100	96	97	96	88	104	132	120	112	109	124
Feijão	100	113	114	109	123	118	117	126	132	120	133
Mandioca	100	102	101	104	99	103	101	107	112	104	101
Milho	100	107	107	101	106	108	114	119	127	115	116
Batata Inglesa	100	97	94	88	87	88	95	100	103	95	86
Produtos de Mercado Externo											
Soja	100	130	166	274	390	441	486	533	596	625	665
Laranja	100	105	117	222	182	201	209	214	219	272	284
Cana-de-Açúcar	100	100	104	113	119	113	124	125	141	147	148

Fonte: Calculado a partir dos dados brutos obtidos através da FIBGE, GIA-FGV e IPARDES.

QUADRO 3. EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE DE PRINCIPAIS CULTURAS NO PERÍODO 1970/80. BRASIL

Culturas	A n o s										
	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Produtos de Mercado Interno											
Arroz	100	91	107	98	97	96	96	103	86	91	104
Feijão	100	108	106	89	82	87	71	72	75	82	67
Mandioca	100	100	99	87	85	85	84	83	79	81	81
Milho	100	93	98	99	108	106	110	113	85	99	124
Batata Inglesa	100	103	106	96	121	119	126	124	128	142	127
Produtos de Mercado Externo											
Soja	100	106	129	121	134	148	153	155	107	108	151
Laranja	100	100	104	72	110	101	113	102	109	117	123
Cana-de-Açúcar	100	101	102	102	102	101	107	111	111	118	124

Fonte: Calculado a partir dos dados brutos obtidos da FIBGE, GIA-FGV e IPARDES.

tes exportáveis, gerar divisas e financiar as importações de bens de capital e insumos para o setor industrial. Tudo isto se deu impondo à agricultura uma mudança na forma de ocupação do solo, de forma que áreas cada vez maiores passaram a ser destinadas a culturas que fossem simultaneamente de mercado externo e cultiváveis com base na mecanização e uso de insumos modernos, em parte a serem fornecidos por essa mesma indústria⁽¹⁾.

Uma das consequências dessa concepção de desenvolvimento foi a clara intensificação da migração rural-urbana, que inchou as cidades de forma rápi-

da e indiscriminada. Em 1970, o país contava com 56% da população vivendo no meio urbano, e no final do último decênio, essa participação havia subido para algo em torno de 63% exercendo uma forte pressão sobre o emprego e oferta de alimentos.

Os que abandonaram o campo na década de 70, são praticamente os mesmos que já vinham migrando para as cidades desde o início dos anos 50, denominado por alguns estudiosos⁽⁹⁾ de migração "individual", tendo como primeira etapa de mudança, a ocupação de mão-de-obra no setor de construção civil. Eram os mesmos trabalhadores

residentes nas propriedades agrícolas, conhecidos como colonos que, de uma forma geral, dedicavam a culturas de subsistência, como milho, feijão, arroz, mandioca, etc., ou eram os filhos de pequenos agricultores que em geral dedicavam a culturas de mercado interno.

A rápida e generalizada urbanização ocorrida na década da última assumiu um caráter essencialmente negativo do ponto de vista de abastecimento e mais especificamente sob a ótica social. Dentro de uma simples perspectiva analítica, essa rápida urbanização teve uma participação significativa da proletari-

QUADRO 4. TAXAS DE CRESCIMENTO DE PRODUÇÃO, ÁREA CULTIVADA E PRODUTIVIDADE DE PRINCIPAIS CULTURAS, PERÍODOS 1960/70 e 1970/80. BRASIL.

Culturas	Produção		Área		Produtividade	
	1960/70	1970/80	1960/70	1970/80	1960/70	1970/80
Produtos de Mercado Interno						
Arroz	3,45	2,29	4,83	2,71	- 1,31	- 0,35
Feijão	3,47	- 1,93	3,96	2,19	- 0,39	- 4,26
Mandioca	5,78	- 2,04	4,53	0,47	0,93	- 2,43
Milho	4,95	2,57	4,14	1,79	0,67	1,09
Bata Inglesa	4,30	2,97	1,38	- 0,17	2,89	3,35
Produtos de Mercado Externo						
Soja	19,51	23,23	19,38	21,18	0,08	2,05
Laranja	6,10	13,16	5,74	10,48	0,98	2,03
Cana-de-Açúcar	3,47	6,66	2,56	4,28	0,52	2,36

Fonte: Elaborado a partir de dados brutos obtidos da FIBGE, GIA-FGV e IPARDES.

zação do colono, que deixou suas lavouras de subsistência para se fixar nas periferias urbanas como assalariado rural, constituindo-se no chamado "bóias-frias". Desta forma, cada um desses colonos tornou-se um ofertante a menos de alimentos e um consumidor a mais. Ao final da década de 70, essa profunda transformação no panorama agrícola desaguou num dos mais sérios problemas de abastecimento de toda história do país. A população urbana, considerada a variável que efetivamente determina o modelo de demanda de alimentos⁽²⁰⁾, chegava a aproximadamente 76 milhões de habitantes, fruto de uma taxa de crescimento de algo em torno de 4,61% ao ano, durante a década passada.

Paralelamente, nesse mesmo decênio, a produção brasileira de alimentos apresentava uma performance indesejável sob todos aspectos. No que tange ao aspecto produção, culturas como arroz, milho e batata apresentavam taxas de expansão em torno de 2,29%, 2,57% e 2,97%, ao ano, respectivamente, enquanto que produtos como mandioca e feijão, apresentavam taxa negativa de crescimento, à razão de -2,04% e -1,93% ao ano, respectivamente.

O baixo desempenho das culturas de mercado interno pode ser vista nos Quadros 1, 2, 3 e 4. Nota-se que nos últimos dez anos, enquanto progrediam certas lavouras de mercado externo, estagnava-se o desempenho das culturas de consumo doméstico, cujas taxas de crescimento ficaram abaixo das observadas no período 1960/70.

No que tange a culturas de exportação, a soja apresentou um extraordinário desempenho, ocupando a primeira posição sob o aspecto de produção, rendimento e área cultivada. Essa posição de destaque vem sendo mantida desde a década de 60, com taxas de crescimento oscilando em torno de 21% ao ano, em termos de produção e área cultivada. No período 1970/80, a área ocupada com a leguminosa cresceu de 1.319 mil hectares para 8.776 mil hectares, equivalendo aproximadamente a 570% de aumento. Quanto à produção, em 1970 a oferta estava em torno de 1.509 mil toneladas, chegando a 15.513 mil toneladas na safra de 1980, correspondendo a 900% de acréscimo. Apresentaram ainda um crescimento ponderável, a laranja e a cana-de-açúcar. A primeira, em decorrência do crescente mercado de suco no comércio externo e, a segunda, em face

aos estímulos dados pelo PROÁLCOOL visando utilizá-la como matéria-prima para produção de combustível. Suas taxas de crescimento de oferta ficaram em torno de 13,16% e 6,66% ao ano, respectivamente, sendo superada apenas pelo desempenho apresentado pela soja, que cresceu a taxa de 23,23% ao ano.

Quanto aos produtos de mercado interno, o performance foi extremamente baixo, tanto em termos relativos quanto em termos de insuficiência para atendimentos da demanda interna. O feijão, cuja oferta em 1970 era de 2.211 mil toneladas, em 1980 a safra chegava a 1.969 mil toneladas, equivalendo a uma redução global na ordem de 11%. Apesar da área ter expandida, em torno de 34%, observou-se queda na produtividade, na ordem de 33% durante o período 1970/80. Atentando-se para as taxas de crescimento do Quadro 4, nota-se que o desempenho dessa cultura, em termos de produção, área cultivada e produtividade, a década de 60 foi bem mais promissora. Enquanto no decênio último o desempenho da produção foi de -1,93% a.a., a produtividade -4,26% a.a., e a área 2,19% a.a., no período de 60/70, as taxas foram 3,47%, -0,39% e 3,96% ao ano, respectivamente. Paralelamente, a mandioca também apresentava um comportamento idêntico. A área cultivada permaneceu praticamente constante. Mas a oferta sofreu uma queda na ordem de 18%, em decorrência das perdas em produtividade, que foi algo em torno de 19% durante o período 1970/80. Em termos de taxas de desempenho, a produção sofreu uma queda em -2,04% ao ano, e a produtividade em -2,43% a.a., Outra importante cultura de mercado doméstico, o arroz, apesar de ter demonstrado aumento sob todos os aspectos durante a última década, não se mostrou suficiente nem ao menos para atender a expansão da demanda via crescimento populacional. A produção e a área cultivada cresceu a taxas inferiores àquelas observadas no período 1960/70. Enquanto nessa década, a produção e área cultivada crescia à taxa de 3,45% e 4,83% ao ano, observou-se que no período 1970/80, as taxas foram na ordem de 2,29% e 2,71% a.a., respectivamente. Quanto a ganhos de produtividade, vale dizer que houve uma pequena melhora, passando de -1,31% a.a. na década de 60, para -0,35% a.a., no último decênio, em decorrência dos primeiros esforços em busca de inovações tecnológicas, sedimentados no início da década de 70.

A rápida e extraordinária expansão da soja, observada no período 1970/80, teve uma participação decisiva no fraco desempenho das culturas de mercado interno. O reforço desta argumentação torna-se patente, quando se observa que a expansão dessa leguminosa foi um impacto totalmente localizado na região Centro-Sul, onde-se concentra praticamente toda oferta de alimentos. Com exceção da mandioca, pelos menos 2/3 da produção de demais alimentos (batata, arroz, feijão, milho, etc.) são originários do Centro-Sul, a mais afetada pela expansão da soja⁽¹³⁾. Nesse sentido, estudo recente, analisando o efeito substituição proporcionado pela soja, verificou-se a principal contribuição em área para o avanço dessa leguminosa, foi dada pelos produtos de mercado interno, com algo em torno de 77%⁽²⁰⁾.

Nesse contexto, a observação dos Quadros 1, 2, 3 e 4, levanta algumas questões importantes, principalmente no que tange ao problema da produção, produtividade e área cultivada com produtos alimentícios. Nota-se que, em termos de área, essas culturas apresentaram certa constância, e mesmo quando se registrou um crescimento, esse foi bastante modesto e, acima de tudo insuficiente para gerar acréscimos na oferta para atender a demanda interna. O baixo desempenho, em termos de produção e produtividade, leva a deduzir que a manutenção da área cultivada durante a década passada ocorreu via incorporação de novas fronteiras para essas culturas, isto é, a soja expandiu incorporando as pequenas propriedades com solos férteis, empurrando os produtores de alimentos para novas fronteiras. Essas áreas, fundamentalmente de baixa fertilidade, aliadas ao sistema tradicional de tratos culturais, não permitiram ganhos de produtividade e muito menos expansão acentuada da oferta.

O exame das taxas de crescimento das culturas de mercado interno, conduz a algumas reflexões mais profundas, ao se detectar que produtos agrícolas participam com mais da metade das despesas familiares para aqueles que percebem entre zero a dois salários mínimos⁽¹³⁾. Conforme mostra o Quadro 5, no estado brasileiro mais rico, São Paulo, a participação nas despesas familiares é de 51%, enquanto que para a região mais pobre, nordeste, essa participação eleva para algo em torno de 63%. Vale ressaltar ainda que, para os paulistas, detentores de renda *per capita* acima da média nacional, os produ-

tos de mercado doméstico, são responsáveis, em média, por 66% de calorias e 78% das proteínas consumidas pelas famílias(3).

Nesse mesmo período, o café, produto de elevada ponderação nas exportações brasileiras, mas que, ao contrário de soja, exige utilização intensiva de mão-de-obra, sofreu uma significativa queda na produção, não se recuperando das geadas que destruíram os grandes cafezais do norte do Paraná em 1975(18). Para se ter uma idéia dessa queda na oferta de café no Paraná, vale dizer que no período 1971/75, o estado colocava, em média, algo em torno de 1.130 toneladas de café em côco por ano e, após a grande geada de 1975, essa média reduziu para 400 mil toneladas ao ano, durante o período 1975/80. No último triênio, novos cafezais tem sido plantados em regiões de fronteira, mas vale ressaltar que a curto prazo, é impossível que o Brasil recupere a hegemonia no mercado cafeeiro internacional.

No tocante à estrutura fundiária, os dados preliminares do Censo de 1980, atestam a redução do número de propriedades agropecuárias nas regiões Sul e Centro-Oeste, evidenciando maior concentração de propriedade rural. A redução do número de propriedades na Região Sul, no período 1975/80, foi -0,87% ao ano, enquanto na região Centro-Oeste, o decréscimo foi da ordem de -0,60% ao ano. Quanto ao contingente de pessoal ocupado em estabelecimentos agrícolas, na Região Sul, registrou-se uma queda de 9,23%, implicando na liberação de quase meio milhão de pessoas. Esse quadro tem sérias implicações quando se leva em consideração que o centro de pro-

dução de alimentos localiza-se justamente nessas regiões, conforme discutido em trechos anteriores, e acima de tudo porque os bens agrícolas de mercado interno são fundamentalmente produzidos pelos pequenos produtores. Estes representam algo em torno de 71% do número de propriedades agrícolas, empregam 72% da força de trabalho rural, sendo responsáveis por 34% da oferta agrícola nacional. Assumem 73% do feijão ofertado, 58% de algodão e, em suma, são responsáveis por 78% do total de cereais produzidos internamente(8, 10).

Quanto ao crédito agrícola, a sua distribuição também passou por um processo de concentração, beneficiando em escala crescente os grandes proprietários que, na sua maioria, dedicam-se a culturas de mercado externo. Os mecanismos de crédito não chegaram facilmente aos pequenos proprietários. Explica-se tal mecanismo, uma vez que se torna fácil aos grandes e médios proprietários terem acesso às instituições de crédito e oferecerem garantia aos empréstimos que pretendem. Ao contrário, o pequeno agricultor, que muitas vezes chega a temer a realização de transações bancárias, possui poucas garantias e nem sempre podem atender às exigências burocráticas impostas pelas instituições de crédito(2). Em 1976, apenas 3% dos proprietários agrícolas recebiam 44% dos recursos oficiais destinados ao setor. Naquele mesmo ano, cinco grandes culturas, soja, trigo, algodão, café e cana-de-açúcar, foram detentores de algo em torno de 60% dos recursos aplicados em financiamentos agrícolas, embora fossem responsáveis por 33,4% do valor da produção. Por outro lado, apenas 12%

do crédito agrícola foi destinado ao feijão, mandioca e milho, ainda que estas três culturas representassem 32,5% da oferta agrícola daquele ano. Adicionalmente, a evolução da concentração de crédito rural, pode ser vista no Quadro 6. Os dados revelam um sistemático decréscimo de participação dos pequenos e médios proprietários. Os "pequenos" caem de uma participação de 34,3% no montante do crédito concedido em 1966 para 11,38% em 1976. No mesmo período, os grandes produtores, que em 1966 absorviam 20,37% do crédito agrícola, elevaram participação atingindo a faixa dos 54,5% em 1976. Em termos de taxas de crescimento os pequenos e médios produtores reduziram sua participação, no montante de crédito destinado ao setor, a taxas anuais de -0,11% e -0,03%, respectivamente, enquanto que os grandes proprietários tiveram uma crescente participação a taxa de 0,10% ao ano, durante o período analisado.

Em relação à inovações tecnológicas, vale ressaltar que no período 1970/80, foi colocada em marcha o programa de pesquisa agropecuária, principalmente a partir do início da segunda metade da década. Com a criação da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, implantou-se, em 1976, o modelo operacional do Programa Nacional de Pesquisa Agropecuária, com criação de vários núcleos, de onde surgiram pesquisas que, transformadas em tecnologias iriam ao encontro do homem do campo, beneficiando a produção e produtividade da agricultura brasileira.

É sabido que o papel da geração e

QUADRO 5. Dispêndios com Alimentação, como Proporção do Orçamento Familiar. Brasil, 1974/75.

Estratos de Dispêndios	Regiões			
	S.P.	R.J.	Nordeste	Sul
0,0 - 2,0	50,9	49,0	63,0	58,5
2,0 - 3,5	45,3	43,3	54,0	50,6
3,5 - 5,0	38,4	38,7	44,0	42,5
5,0 - 7,0	32,4	34,8	37,5	35,2
7,0 - 10,0	26,2	28,9	-	28,8
10,0 - 15,0	20,4	23,3	-	20,8
15,0 - 20,0	15,1	-	-	-
20,0 - 30,0	12,0	14,1	-	13,8
Acima de 30,0	6,1	6,5	-	5,6

Fonte: HOMEM DE MELO(13)

QUADRO 6. Distribuição de Crédito Agrícola, em % dos Valores. Brasil, 1966/76

ANO	Classificação dos Produtores*		
	Pequenos	Médios	Grandes
1966	34,30%	46,11%	20,27%
1976	11,38%	34,72%	54,50%
Taxas de Crescimento	-0,11%	-0,03%	0,10%

Fonte: CFP – Comissão de Financiamento da Produção e Banco do Brasil.

(*) Classificação dos Produtores em 1976: (a) Pequenos: aplicações até 100 MVR, (b) Médios: de 100 a 1000 MVR, e (c) Grandes: acima de 1000 MVR.

difusão de tecnologias para produtos agrícolas é de fundamental importância. No entanto, as culturas exportáveis foram os mais beneficiados, principalmente, a soja, laranja e café, patentes pelos produtos tecnológicos disponíveis e pelas taxas de crescimento anual dos ganhos de produtividade no quadro 4 e também pelos inúmeros estudos explorando tal questão^(12, 13, 14, 15).

Sem dúvida, a falta desenvolvimento tecnológico efetivo para os produtos de mercado interno e a falta de acesso aos serviços de extensão rural, contribuíram no baixo desempenho quanto aos ganhos de produtividade e na oferta interna de alimentos⁽¹⁶⁾. Para se ter uma idéia quanto ao baixo acesso aos serviços de assistência técnica pelos pequenos proprietários, sabe-se que apenas 4% de assistência tem chegado a esses produtores, apesar dos esforços da EMATER – Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural⁽¹⁰⁾. Os problemas quanto a dificuldade de acesso a tais serviços, naturalmente sejam quase os mesmos de acessibilidade ao crédito agrícola, quando não o problema de disponibilidade dos serviços adequados a pequenas unidades produtoras.

No que concerne à política de preços mínimos, durante a década passada, este mecanismo ganhou força como sinalizador dos objetivos governamentais em estimular o crescimento dos produtos agrícolas que na safra anterior tenham provocado crise de abastecimento ou que não tenham cumprido satisfatoriamente suas tarefas quanto à geração de divisas^(6, 17). No entanto, essa política foi, de certo modo, também, discriminatória. Os produtos de mercado externo tiveram seus preços mínimos fixados notoriamente favoráveis em relação aos de consumo doméstico, principalmente durante a primeira metade do último decênio. Enquanto

os preços fixados para soja, cresceram a taxa de 36,41% ao ano, culturas como arroz, feijão e milho, tiveram sua fixação crescendo a taxas de 30,59%, 32,00% e 32,80% ao ano, respectivamente.

Somente a partir de 1975, os preços mínimos foram fixados de forma homogênea ou até mesmo com pequena vantagem aos produtos de consumo doméstico, mas ainda não foram suficientemente estimuladores a ponto de impor alterações no quadro da oferta interna de alimentos⁽⁷⁾.

É evidente que não se pretende afirmar que a política de preços mínimos, por si só, seja suficiente para estimular a produção de alimentos, mas torna-se indiscutível que somado aos demais mecanismos de política agrícola adotados, que deixaram à margem o pequeno produtor que são os detentores da oferta de alimentos no Brasil, conforme já discutido em parágrafos anteriores, foram os responsáveis pela baixa produção de principais alimentos como feijão, arroz mandioca e batata, que se constituem nos principais componentes do cardápio da mais da metade da população brasileira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações da agricultura brasileira, ocorridas no último decênio, foram significativamente afetadas pelo modelo de desenvolvimento agrícola adotado com nítida direção para diversificação e expansão das culturas de exportação, o que foi feito através da fixação de preços mínimos, geração e difusão de tecnologias e concessão de crédito subsidiado de forma mais favorável aos produtos com cotação no mercado internacional.

A produção rentável dos bens exportáveis, especialmente a soja, exigiu mecanização em larga escala, uso de insumos modernos, em suma uma elevação dos investimentos fixos e gastos

correntes, o que acelerou a destruição de formas pré-capitalistas de produção. É evidente que as transformações observadas no período 1970/80, viriam de qualquer modo, já que o desenvolvimento econômico, num regime capitalista, implicaria necessariamente em introdução de inovações tecnológicas. No entanto, é indiscutível que a rapidez com que se processaram se deveu a uma orientação deliberada do modelo de desenvolvimento agrícola adotado.

Em suma, o modelo adotado, traduziu-se em dois grandes problemas. O primeiro é quanto à crise de abastecimento, fruto direto do baixo desempenho das culturas de mercado interno. Observou-se que as taxas de expansão da oferta, área cultivada e rendimento, durante o período 1970/80, ficaram aquém das taxas observadas no período 1960/70. A oferta, na década de 70, não expandiu nem mesmo o suficiente para atender o crescimento da demanda via crescimento demográfico e, além do mais, culturas como feijão e mandioca tiveram sua produção reduzida. Em segundo lugar, o recrudescimento do problema da migração rural-urbana, que de individual passou a estrutural decorrente da proletarização do colono, patente pela existência de milhares de bóias-frias, que hoje se constitui numa séria questão social, traduzindo-se num dos desafios para toda a sociedade brasileira.

Evidente que, com este estudo, não se sugere que uma concepção de desenvolvimento, deva deixar à margem da política, o sub-setor de mercado externo, pois os benefícios advindos de maiores exportações são inquestionáveis. Além disso, é sabido que na década passada, com o advento da crise energética e consequente retração no mercado internacional de manufaturados, tornou-se necessária impor à agricultura uma responsabilidade maior quanto a geração de divisas.

Discute-se, no entanto, a discriminação sofrida pelo sub-setor agrícola de mercado interno, que agravou mais ainda a questão pertinente ao abastecimento interno. Isso significou preços mais elevados, quedas na renda real, especialmente nos estratos de renda baixa da população e, portanto impactos distributivos indesejáveis tanto sob a ótica econômica quanto social.

À luz dessa perspectiva analítica, a estratégia de desenvolvimento, com clara direção ao estímulo de bens

manufaturados e agrícolas exportáveis, na década passada, tornou-se nítida as implicações adversas dessa política. Abre-se para a política econômica, a necessidade de diferenciação entre os instrumentos adotados com objetivos de estimular, paralelamente, o sub-setor de alimentos e de mercado externo. Uma política de apoio à produção de alimentos claramente estaria apoiando a pequena unidade de produção e, nesse contexto, permitiria atingir, na sua origem, o problema da expulsão do

homem do campo, principalmente na região sul-sudeste, onde o problema parece mais sensível.

Ressalte-se, todavia, que apoiar a pequena produção significa alterar as condições estruturais em que ela insere e seria possível dizer que esse apoio, não atinge diretamente, apenas o objetivo de emprego e distribuição de renda, mas afigura ser a única estratégia para o aumento da produção e produtividade do importante sub-setor agrícola de alimentos.

ABSTRACT

Analysis of the agricultural subsector of the internal market in the period 1970-80. The results showed that the supply of products for domestic consumption presented a growth inferior to the expansion of the demand for food imposed by the demographic growth and the rise in income per capita, with a performance lower than that observed during the decade of the 60s, in contrast to the extraordinary behavior of the products in the external market, which was the consequence of a model for agricultural development with clear definition of stimuli for agricultural goods in the international market, bringing into focus the problems of food supply and rural-urban migration.

AGRADECIMENTOS

Aos Professores Álvaro Manoel, Martus Tavares e Elson Mendonça, pelos comentários e críticas. Ao Dr. Hajime Kato e Dra. Elsa Kuromoto, pela valiosa contribuição na lapidação dos dados brutos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ADANS, D. Rural financial markets, farm level growth and capital formation in Brasil. In: OHIO STATE UNIVERSITY. *Farm. Growth in Brazil*. Columbus, Ohio, 1975.
- 2 ANDRADE, M.C. *Agricultura & Capitalismo*. São Paulo, Ciências Humanas, 1979. 115 p.
- 3 BARROS, J.R.M. & GRAHM, D. Agricultura brasileira e o problema da produção de alimentos. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 8(3): 695-726, 1978.
- 4 CASTRO, A.B. *Sete ensaios sobre a economia brasileira*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.
- 5 CASTRO, P.R. Agropecuária: exame de algumas políticas de produção e abastecimento. In: CARNEIRO, D.D. *Dilemas da Política Econômica*. Editora Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- 6 CASTRO, P.R. *Estrutura agrária no Brasil: considerações sobre dados censitários 70/75: trabalho para discussão Interna n. 12*. FIPE-USP São Paulo, 1980. 52 p.
- 7 COELHO, C.N.A. *A política de preços mínimos dentro de uma perspectiva de desenvolvimento econômico*. Brasília Comissão de Financiamento da Produção-Coleção Análise e Pesquisa, 1979, v. 12.
- 8 FAO. *FAO Production Yearbook*. Rome, 1979. v. 32, p. 97-130.
- 9 GOLDSMITH, W. & SAINT, W.S. Cropping systems, structural change and rural-urban migration in Brazil. *World Development*, 8(8): 259-72, 1980.
- 10 GUERREIRO, J.S. *Transição energética no Brasil*. In: SEMINÁRIO DE ECONOMIA RURAL. 1981. Viçosa, UFVODER, 1981. 32 p. (mimeog.).
- 11 HOFFMANN, R. et alii. *Administração da empresa agrícola*. Livraria Pioneira, São Paulo, 1976.
- 12 HOMEM DE MELO, F.B. Políticas de desenvolvimento agrícola no Brasil. In: SAYAD, J. *Resenhas de economia brasileira*. Saraiva, 1979. p. 45-116.
- 13 HOMEM DE MELO, F.B. Agricultura de exportação e o problema da produção de alimentos. *Estudos Econômicos*, 9(3): 101-21, 1979.
- 14 HOMEM DE MELO, F.B. *A economia política de preços de alimentos no Brasil: trabalhos para discussão n. 34* São Paulo IPE-USP, 1980.
- 15 LYRA, I.T. & RYFF, T.B. Agricultura de abastecimento interno: Problemas e perspectivas. *Revista de Economia Rural* 18(3): 581-600, 1980.
- 16 MANOEL, A. *Algumas observações sobre a agricultura paranaense*. In: SEMINÁRIO DE ECONOMIA, 1980. Londrina, FUEL-CESA, 1980. 21 p.
- 17 MORENO, R.M. & CASTRO P.R. Agricultura de exportação In: CARNEIRO, D.D. *Dilemas da Política econômica*. Rio de Janeiro, Campus, 1979. p. 177-91.
- 18 NAKAGAWARA, Y. Questões agrárias e urbanas - interdependência e subordinação: o caso norte paranaense. *Terra e Cultura*, 1(1): 93-115, 1981.
- 19 SCHUH, G.E. *O desenvolvimento da agricultura no Brasil*. Rio de Janeiro, APEC, 1976. 469 p.
- 20 TEIXEIRA, S.M. *Income, family composition and social factors as variables in expenditures model: the case of Brazil*. West Lafayette, Purdue University 1979. 158 p. Tese (ph. D)
- 21 ZOCKUM, M.H.G.P. *Expansão da soja no Brasil: alguns aspectos da produção*. São Paulo, IPE-USP, 1979 (Ensaio Econômico).